

SAM ALTMAN NÃO É UM COMPLETO IMBECIL

MENCIUS MOLDBUG · DIA 12 DE MARÇO, 2013

TL;DR: [Sam Altman](#) não é uma besta quadrada. É isso que mais assusta. Quando o suprassumo da elite mental de uma sociedade está repleta de [pura imbecilidade](#), essa sociedade está provavelmente fadada à perdição.

Gênios serem malucos é uma coisa [normal](#). Mas Sam Altman (não conheço o cara, mas São Francisco é uma cidade pequena, e provavelmente conheço algum conhecido dele) não é um gênio, e definitivamente não é maluco. Ele não analisou teorias de calibre cobrindo dez dimensões, e tampouco previu algum axiglúon quiral. Ele é só um empreendedor - ou seja, um líder nato, uma espécie que, ainda mais no cenário desesperador da atualidade, vale (ou deveria valer, ao menos) uma prisão boliviana inteira lotada de [físicos de partículas doidões na cocaína](#).

O mais absurdamente aterrorizante é que a pura imbecilidade de Altman parece e soa *exatamente como bom senso coerente*. [Leia o texto](#). Sei que vai concordar.

O problema básico da nossa sociedade é uma discrepância entre a realidade de consenso e a verdadeira realidade. A verdade é que temos líderes natos de sobra. Mas eles não têm como nos levar a lugar algum. Eles operam no campo da realidade de consenso, e não na verdadeira realidade. Os joysticks deles não estão plugados. Quando o consenso é nonsense, o bom senso coerente vira nonsense. Nonsense não presta para ninguém.

Será mesmo? Pura imbecilidade pode mesmo parecer bom senso coerente? Vamos investigar:

Dito isso, no sentido absoluto, eu preferiria mil vezes viver no mundo de hoje do que em 1950 - para mim, é complicado demais imaginar a vida em um mundo sem internet. Porém, bem como conseguimos sentir aceleração, mas não velocidade, as pessoas parecem mais sensíveis à taxa anual de crescimento do que à qualidade de vida absoluta. Por mais que as pessoas deveriam ser mais felizes em um mundo melhor no sentido absoluto, ninguém

quer saber de parar na [esteira hedônica](#).

A maioria de nós quer que nossas vidas melhorem ano após ano - a esteira hedônica é um suplício por natureza.

O mundo de 1950! Por favor, queridinho.

Certo, vamos tomar uma dose *cavalari* de realidade. Você é um alienígena. Está observando a Terra com um telescópio infinitamente poderoso, lá de Alfa Centauri. Você tem uma simples dúvida. Desde 1950, a civilização humana - ou a civilização americana, o que dá basicamente no mesmo hoje em dia - evoluiu ou deteriorou?

Pelo visto, Sam Altman considera que a forma mais fácil de responder essa pergunta é trocando-a por uma outra. Nisso Altman tem companhia. Ele pergunta: desde 1950, a *tecnologia* humana evoluiu ou deteriorou? Claramente, o alienígena, eu, você e Sam Altman todos chegamos à mesma resposta para essa pergunta.

Qualquer pergunta com uma resposta óbvia é uma pergunta estúpida. “Um iPad é mais avançado que uma Smith-Corona?” é uma pergunta estúpida. Quem faz perguntas estúpidas? Bestas quadradas, óbvio.

Podemos, porém, compor uma pergunta interessante ao *excluir* a pergunta estúpida da equação. Sam Altman acharia melhor viver em qual mundo? 2013 com iPads e a internet? Ou 1950 - com iPads e a internet?

De certa forma, esse 1950 é tão real quanto o 1950 “real”. Nenhum dos dois existe. Sam Altman não tem como fazer suas malas e se mudar para o ano real de 1950, e tampouco para meu super-1950 imaginário. Ambos existem exclusivamente como experimentos mentais. No entanto, construir ou definir esse super-1950 não é muito difícil. Uma passagem por uma máquina do tempo com uma versão impressa da Wikipédia já bastaria para o 1950 real. Envie a tecnologia de volta a 1945 e teremos iPads em 1955, no máximo. Aquela galera mostrava serviço.

A pergunta mais interessante (e assustadora) que esse experimento mental traz à tona é se, *progresso tecnológico à parte*, a civilização humana evoluiu ou deteriorou desde 1950. Na pura realidade, isso também é uma pergunta estúpida. A resposta é igualmente óbvia, a meu

ver. Mas a realidade de consenso diz que isso é insanidade minha. Portanto, vamos começar pela estupidez, então.

Progresso tecnológico à parte, a civilização humana evoluiu ou deteriorou desde 1950? De acordo com que critérios? Se a Lei de Moore não serve como nosso parâmetro para avaliar o sucesso de uma civilização, o que servirá?

Sam Altman já tem sua resposta. A esteira hedônica! Considerando que nunca vendi uma *startup* por [\\$43 milhões](#), existem inúmeras formas sutis, refinadas e deliciosas de hedonismo que eu simplesmente desconheço, na mesma medida em que um gato desconhece o tênis. Mas aceitando (por um momento) essa premissa implícita de que o propósito da civilização é a *satisfação dos desejos humanos*, podemos apenas consultar [a pirâmide de necessidades de Maslow](#).

Na base da pirâmide encontramos ar, água e comida. Que nota damos a 2013 no quesito fornecimento de oxigênio, hidratação e nutrição? E 1950, como se sai? Notas aceitáveis. Cavalheiros, temos um empate. (A comida de 2013 é certamente mais *saborosa* que a de 1950, ao menos nos EUA. Mas esse critério não faz parte da base da pirâmide.)

No nível seguinte: segurança e proteção. Pois bem, cavalheiros. Vamos nos empenhar em mais um experimento mental.

Visualizem a Terra - nosso lindo globo azul em rotação constante. Peguem toda a superfície terrestre habitável e pintem ela de branco - um fundo neutro para nosso experimento mental.

Agora destaque o subconjunto deste lindo planeta onde, na visão de uma pessoa sóbria, sensata e civilizada, tal como Sam Altman, seria prudente e seguro passear, [“sozinho e a pé”](#), com seu iPad a tiracolo, à noite. Deixe essa parte em branco. Pinte o restante de marrom. Em seguida, desse subconjunto marrom, destaque o sub-subconjunto onde, na visão de Sam Altman, com seu iPad a tiracolo, não seria seguro passear *à luz do dia*. Pinte essa parte de *preto*. (Por que será que o Google Maps não oferece essa funcionalidade?)

Agora faça o mesmo para o caso do avô de Sam Altman, em 1950, com sua máquina Smith-Corona portátil. Em seguida, repita o exercício com foco

em 1900. (Este exercício mental é muito útil, e infelizmente muito complicado, em parte porque ele exige que a pessoa *saiba*, de fato, como era o mundo em 1950 ou 1900. Se o seu método para obter tais informações começa com tabelas de estatísticas, você errou rude. Existem umas coisinhas chamadas “livros” que podem ser de alguma ajuda.)

Caso realize esse exercício com precisão (ou se chegar aos mesmos resultados que eu, ao menos), verá um século XX muito parecido com um melanoma em estágio III. E vemos que esse progresso continua, recebendo aplausos efusivos e autocongratulação generalizada, até nosso queridíssimo 2013 oficial aprovado pelo NYT. Aí, você tem visitado o Egito ultimamente? Quais são as novas daquele [cara do Google](#)? Continua tuitando?

Por falar no Twitter, me deparo com essa dose de realidade na pele todos os dias. A creche da minha filha fica na esquina da Rua 10 com a Howard, a duas quadras da sede do Twitter. Estacionar na Rua 10 com a Howard não é grande dificuldade, na verdade. Portanto, o número médio de indivíduos que Sibila chamaria de “pessoas perigosas”, e que pareceriam idênticos a zumbis para um adulto qualquer, que eu e minha filha animada precisamos driblar no espaço entre a porta do carro e o segurança é...sei lá. 1,3? 1,7? Duvido que seja muito mais que 2.

São só zumbis, e sinceramente, não representam grande perigo. (Creio que até mesmo zumbis percebem que quando estou com uma criança, eu represento uma ameaça maior a eles do que vice-versa.) Por outro lado, dois meses atrás um cara da área tecnológica (que não trabalhava no Twitter) levou um golpe na cabeça e morreu, presumidamente atacado por um zumbi ou zumbis desconhecidos, na esquina [da Rua 11 com a Mission](#). Logo ao lado da Central do Twitter. Com exceção de um punhado de relatos superficiais padronizados, e da esposa da vítima, é lógico, ninguém percebeu. Ninguém se importou. E por que se importariam? Os iPads deles têm *4,7 milhões de pixels*.

Basta dizer que caso você não saiba bem como 1950 teria reagido ao mesmo exato incidente, no mesmo exato local, você não sabe nada mesmo sobre 1950.

Na verdade, a creche da minha filha fica *literalmente em uma ruína* -

quer dizer, em um espaço (bem renovado) que um dia foi parte de uma igreja católica. (A creche fica onde era o convento. O resto da igreja ainda é uma legítima [ruína](#).) Onde será que estão as pessoas que rezavam nessa igreja? Elas [fugiram](#). Por quê? Porque elas [temiam por sua segurança física](#).

Pois é, eu sei, eu sei. Sequer mencionar esse assunto é uma [indelicateza](#). Não faz parte da nossa realidade de consenso. Não faz parte da nossa *história* de consenso. Porém, no que diz respeito à *verdadeira* história, o declínio do nível de segurança global na segunda metade do século XX é (ênfatiso) o fenômeno mais notável de nossa era. Bem como a queda do Império Romano, que foi o fenômeno mais notável da Europa no quarto século d.C. (Repare que por mais que nossos historiadores adorariam loucamente encontrar um membro, mesmo um só que fosse, da cultura europeia extraordinariamente culta do quarto século d.C. que tivesse sequer *mencionado* que o Império Romano estava ruindo, não deram essa sorte. É tudo [Prudêncio](#) e [Sidônio](#) a dar com pau.)

Considere nosso alienígena em Alfa Centauri. O telescópio dele é só um telescópio. Ele não *speaka the inglês*. Ele é completamente invulnerável às nossas autoridades propagandistas mais respeitadas e, mais especificamente, não tem como ler a obra de [Steven Pinker](#), ilustre estudioso de Harvard - um verdadeiro Prudêncio de nossa época - que [descobriu](#), por meio de modelos estatísticos complexos, que o século XX na verdade foi não uma Era de Ouro dos [assassinatos em massa em escala colossal](#) e [pequenos delitos descarados](#), mas sim o advento de uma nova Era de Aquário onde todos terão paz e prosperidade. (O próprio Pinker é fichinha perto do Times, que publicou no mínimo 547 matérias sobre o feito milagroso dos índices de criminalidade [descaradamente manipulados](#) de Nova York, e precisamente duas sobre os [dados hospitalares](#) que mostram, em paralelo, que o número real de vítimas de agressões dobrou. É sempre fácil mentir para aqueles que querem ouvir mentiras. Mal é preciso *apresentar* dados.)

Mas o telescópio dele é excepcional. Com ele, nosso alienígena consegue *vislumbrar* o fato de que muitas partes de todas - e todas as partes de algumas - as cidades americanas que prosperavam em 1950 degeneraram ao caos e ruína. Por outro lado, ele também é capaz de admirar os cafés prósperos da University Avenue em Palo Alto - o próprio renascimento do [Mosela](#) de Ausônio - repletos de jovens bonitos fascinados com o anti-

aliasing perfeito dos subpixels individuais nas telas de seus novos iPads Retina. Qual desses fenômenos parecerá mais relevante para ele? Qual deles é a narrativa, e qual é a distração?

Insistindo na comparação com a queda de Roma, uma das características mais interessantes que observamos é que a competência tecnológica é certamente um indicador de uma civilização bem-sucedida, mas é um indicador *defasado*. A civilização produz tecnologia, não o inverso. Quando uma civilização desmorona, a tecnologia não é a primeira estrutura a ruir, mas sim a última. Sim, a tecnologia, sofre uma deterioração na queda de Roma. Não, ela não deteriorou na nossa era - embora o ritmo de avanço tenha desacelerado expressivamente. Mas os séculos em que vimos a degradação da tecnologia europeia foram o período de 400 a 700 d.C., e qualquer historiador certamente reconheceria que a ordem romana já ia de mal a pior dois séculos antes disso, no mínimo.

Estou pegando pesado demais com Sam Altman? Afinal, ele reconhece que há um problema. Não reconhece que o problema é esse - mas a tese dele é essencialmente a mesma, não é? Que alguma coisa aqui não está dando certo? Minha América vai de mal a pior e vejo suas ruínas a meu redor. A América dele simplesmente aumentou demais o ritmo em sua esteira hedônica. Mas dá no mesmo, não é? Mais ou menos?

Perceber que alguma coisa no modelo de governança do século XX, inculcado em nós por nossos expoentes mais brilhantes na Harvard, Stanford, no NYT e em outras instituições de veracidade papal infalível, não está funcionando *como deveria* é, de fato, um passo no caminho certo. Todos terão suas queixas específicas, no final das contas. A minha, como temos visto, é que 75 anos deste sistema rigorosamente científico de governo reduziu o que já foi [a quarta maior cidade dos EUA](#) a uma [favela assombrada por demônios](#) - e por mais extremo que esse resultado pareça, o caso não é exceção alguma.

Mas me parece que do ponto de vista de Sam Altman, isso é puramente procurar pelo em ovo. Ou talvez seja uma realidade seriamente lamentável, mas que teria se manifestado independentemente do regime no comando. Napoleão, Catão, o Velha, Péricles, Pedro, o Grande - [paspalhões](#)! Nenhum deles teria conseguido salvar Detroit, Oakland, Baltimore, etc. Não considerando que Harvard fracassou nessa missão! É

sempre fácil atribuir resultados negativos às forças irresistíveis da natureza, atos de Deus, etc. Mesmo que você não consiga especificar qual força da natureza, e mesmo que não acredite em Deus.

Nada disso - o que preocupa Sam Altman é algo completamente diferente. Ele está preocupado com um *número*. O número atual é cerca de dois, ele afirma, quando deveria estar mais para cinco. Ele chama esse número de “crescimento”. Ou, para ser mais exato, um número mais interessante ainda - “crescimento real”. Crescimento é uma coisa boa, lógico, ainda mais para uma startup, exceto quando estamos lidando com um [tumor](#).

Reiterando, esse número extraordinário - [o crescimento do PIB](#) - é um elemento essencial na tradição de governança econômica do século XX. Onde estaríamos hoje se não fosse por [Abba Lerner](#)? Ora, não sei dizer. Em que pé estaria Detroit hoje se não fosse por Abba Lerner? Em que pé estava Detroit...antes de Abba Lerner? Talvez o problema de Sam Altman seja que ele aprendeu tudo que sabe de economia na Stanford, enquanto eu aprendi tudo que sei sobre economia vendo [Hardcore Pawn](#).

Qual é o significado real desse número? Tem *algum* significado, claramente. Sabemos que ele sobe, de modo geral, quando as pessoas estão felizes, e cai quando elas estão tristes. O grande quebra-cabeça histórico do século XX pode muito bem ser a necessidade de explicarmos esse fenômeno bizarro, falando em termos bem gerais, que é a economia keynesiana - que por um lado [não faz sentido algum](#), mas por outro lado, meio que funciona. No nível local, ao menos.

Tudo bem, confesso que menti. É bem verdade que *Hardcore Pawn* é muito importante para mim. Mas no fundo, sou um mercantilista, e aprendi tudo que sei sobre economia com [Friedrich List](#). Quer dizer, ele e [Mises](#). Companheiros estranhos, eu sei. Mas acredito sinceramente que não há nada na (usando o termo antigo) economia política que não seja tratado pela filosofia deste par de ótimos cavalheiros teutônicos (1), por mais que eles fossem extremos opostos. Permita que eu explique o conceito de “crescimento” nesse idioma austro-mercantilista inusitado.

Crescimento é a variação em um número que chamamos de “PIB”. Para um austro-mercantilista, existem dois tipos de PIB, chamaremos aqui de PIBL (PIB legítimo, ou seja, um número concreto e mensurável) e PIBF (PIB falsificado, que é o PIBC multiplicado por um [fator arcano de](#)

[falsificação](#)). Com seu típico senso sutil e refinado de ironia, economistas do século XX chamam o PIBL de “[PIB nominal](#)” e o PIBF de “[PIB real](#)”.

Economistas do século XX são especialmente craques no campo de identidades contábeis. Certa vez, o saudoso [Murray Rothbard](#) satirizou um de seus mais puros absurdos, a [equação de troca](#), com a seguinte descrição: “A quantidade de água que corre pela terra é equivalente à quantidade de chuva que cai do céu.” O que é verdade. Mas não é uma constatação muito útil para meteorologistas.

Vamos aplicar uma dessas identidades para chegar a uma compreensão do PIBL, então. Esqueça o comércio externo, que vamos acrescentar à equação já já, e imagine uma unidade isolada, como um planeta, por exemplo. Como podemos medir a produção econômica de um planeta? Dividindo os agentes econômicos arbitrariamente, com uma certa dificuldade, mas nada absurdo, entre “consumidores” e “produtores” - ou seja, camponeses e empresas. O PIBL é simplesmente o total de vendas de todas as empresas a todos os camponeses.

Em outras palavras, se todas as empresas fossem Uma Empresa Colossal - vemos facilmente o encanto de tal abordagem para um planejador central dos meados do século XX, cheirando carreiras grossas feito jiboias do mais puro pó administrativo boliviano enquanto joga SimCity com camponeses reais - o PIBL é simplesmente a renda bruta dessa monstruosidade. E já que a quantidade de água que corre pela terra é equivalente à quantidade de chuva que cai do céu, o PIBL é também o número de dólares que consumidores gastaram naquele ano com a UEC.

Gosto dessa abordagem porque ela reduz o mistério velado do “crescimento” a uma realidade urbana crassa que todos somos capazes de compreender. Qual é o significado de “crescimento”? O significado é: “Gastem mais, companheiros!” Se o crescimento é bom por natureza, gastar é bom por natureza. Pois afinal, a quantidade de água que corre pela terra é equivalente à quantidade de chuva que cai do céu. A demanda agregada é sua amiga. Gastem mais, companheiros! Isso é bom para a economia.

Como podemos aumentar o PIBL? Existem duas formas. Apenas duas. A primeira é dando mais dólares aos camponeses (e/ou reduzindo a dívida deles). A segunda é fazendo com que eles sejam menos frugais e mais

perdulários. Por que será que o PIBL não está crescendo rápido o bastante para Sam Altman? Ou para Paul Krugman, já que falamos nele? Porque já pisamos nesses pedais até não dar mais. No segundo, ao menos. Quanto ao primeiro...já vamos falar disso.

Mas calma aí - por que queremos aumentar o PIBL? O que faz com que mais ganância seja essencialmente melhor que menos ganância?

Essa pergunta tem duas respostas, dependendo de seu entendimento do propósito de uma economia. A primeira é o posicionamento falso defendido pelos austríacos, e pelos keynesianos quando querem confundir alguém: a crença de que o propósito da atividade econômica é a satisfação de desejos humanos. Mais gastos significam mais produção, e mais produção significa mais satisfação. Naturalmente, esse ponto de vista foi originado por liberais e utilitários dos séculos XVIII e XIX. Está estampado bem na cara da esteira hedônica de Sam Altman.

Esse posicionamento falso nos coloca no caminho que leva ao PIBF. Vamos investigar.

Por que temos esse fator de falsificação? Porque nosso objetivo não é simplesmente avaliar o *preço* de todas as mercadorias produzidas, um mero número que pode ser medido por meio de técnicas mundanas, embora falhas, e que, pior ainda, pode ser até definido - mas sim seu *valor*, ou, em outras palavras, sua *utilidade hedônica*. Trata-se de uma avaliação quase espiritual, essencialmente qualitativa e pessoal. No estilo típico do século XX, nós ligamos o foda-se e martelamos essa qualidade subjetiva até que ela pareça uma quantidade objetiva, por qualquer meio necessário. Afinal, se não fizéssemos isso, como seria possível encaixá-la em nosso modelo?

Por exemplo: o iPad é um computador quantas vezes mais divertido que um Apple II? Será 37,6 vezes mais divertido? Ou 198,2 vezes mais divertido? Ou até 547,9? Deve estar claro, para qualquer um que não seja uma besta quadrada, que qualquer processo que diga ser capaz de gerar um número desses é retardado (no melhor dos casos) e pode muito bem constituir o crime de abuso grave da matemática.

Mas nada disso! A Secretaria de Dados Trabalhistas, na verdade, tem justamente esse número a seu dispor. O processo deles é o seguinte. Já

que a Apple vendeu computadores de forma ininterrupta desde os tempos do Apple II até o dos iPads, podemos analisar o período em que o Apple II e o Apple III ambos estavam disponíveis no mercado, dividir o preço de tabela do Apple III pelo do Apple II; seguimos com a divisão do preço de tabela do Mac 512K pelo do Apple III, e assim por diante até chegarmos ao iPad. Esse processo é o que chamamos de [regressão hedônica](#). O processo é plenamente oficial - aprovado tanto pela Harvard quanto pelo governo americano. Quem é a besta quadrada agora?

Uma experiência especialmente deslumbrante é imaginar um mundo que segue um sistema financeiro onde a quantidade de dinheiro (ou Bitcoin, talvez) é fixa, bem como a preferência temporal dos consumidores. Consequentemente, o PIBL não muda. O crescimento do PIBL neste modelo é *zero por sua própria natureza*.

Mas em um mundo como esse, nada impede que a qualidade hedônica da tecnologia prolifere. Computadores podem melhorar. Aliás, devem. E o PIBF pode crescer - embora qualquer crescimento do PIBF seja fruto do deflator implícito, também conhecido como falsificação hedônica.

Agora considere a situação lógica do posicionamento de Altman (defendido por [Peter Thiel](#) também, se não me engano - e certamente nada raro entre pensadores sensatos, exceto por esse detalhe) nesse modelo “dinheiro constante, PIBL constante”. O argumento deles é que buscamos crescimento econômico “real” (PIBF), não “inflacionário” (PIBL), e que o único caminho para esse crescimento “real” é através do avanço tecnológico.

Verdade verdadeira! Aliás, é tão verdade que chega a ser...uma tautologia. Com PIBL constante, nós removemos todas as variáveis da equação. Ops.

Quando a inflação do PIBL, coisa que nenhum desses profetas tecnológicos gosta de mencionar, é eliminada da equação, o argumento de que “precisamos de progresso tecnológico para incentivar o crescimento” é reduzido simplesmente...à esteira hedônica. Isso é extrapolado a “2013 não é divertido o bastante, então vamos juntar ainda mais tecnologia, e mais avançada ainda, para fazer de 2014 um ano mais divertido que 2013, porque sem isso, nossos sensores de diversão já queimaram e 2014 vai ser um porreeeeeeee!”

Ora, pois é! Eu, por exemplo, fico seriamente perplexo tentando entender porque as pessoas em 2013 ainda usam fones de ouvido com fios. O que houve com o [Bluetooth A2DP](#)? Não funciona, por acaso? E com certeza, eles deviam agilizar aquele lance do [Google Glass](#). Se aquilo não é hedônico, eu não sei o que é. Ainda mais no quesito da [p00taria](#). A UEC está claramente dando mole no trabalho se p00taria não foi incorporada no deflator implícito dela. PQP, p00taria - existe coisa mais hedônica que p00taria? Existe - Google Glass + p00taria. Nas palavras de [Glenn Reynolds](#): mais rápido, por favor!

Mas sabe, esse argumento “2013 não é divertido o bastante” na verdade não nos explica, em sentido algum, por que Detroit está em ruínas. Não explica por que Baltimore está em ruínas. Não explica por que Oakland está em ruínas. Não explica por que Stockton está afundando no rio Sacramento, nem por que Newark poderá muito bem [absorver](#) todo o patrimônio líquido do Mark Zuckerberg, mas sem ficar parecida com [Cherry Hill](#).

O que vemos aqui - começando com um toque de absurdo - é que todo nosso raciocínio nos levou ao *nonsense*. Ou à p00taria, no mínimo. Nossa tese era de que o propósito da atividade econômica era o hedonismo, ou, em outras palavras, a satisfação dos desejos humanos. Tecnologia certamente é capaz de satisfazer desejos humanos. P00taria também, e heroína também. (Aliás, seria interessante se a UEC pudesse determinar qual das seguintes opções é mais hedônica: o iPad original somado à heroína, ou um Retina com tela de 4,7 milhões de pixels somado a só um bocadinho de codeína para dar uma relaxada. Isso seria facilmente computável, e com rigor quantitativo impecável, com a simples combinação da série de preços da Apple com os dados mais recentes da [Silk Road](#).) (2)

Por acaso, esse absurdo é nossa realidade de consenso. Nem por isso deixa de ser absurda. Vamos colocar nossos [óculos de John Carpenter](#) e observar a *verdadeira* realidade, por mais horripilante que seja. Se você aguenta ler até este ponto em um texto deste tamanho, você certamente aguenta a verdadeira realidade também. (3)

Na realidade real, estamos tentando responder a seguinte pergunta: como que a América deve ser governada? Estamos raciocinando, então, do

ponto de vista do Estado. Já que a soberania é conservada, o Estado é sempre absoluto e onipotente em todas as áreas. Portanto, a satisfação hedônica de seus cidadãos - que são, na realidade, seus escravos - não é e nunca pode ser um objetivo final. Pode ser um meio usado para chegar a um fim, naturalmente. Bem como quando proporcionamos heroína ao Acampamento 127 por meio de sua reserva de água para recompensá-lo por superar as metas de produção de urânio pelo terceiro mês seguido.

Ora, pois é. Bem avisei que a realidade era assustadora. Sinceramente, não acredito que o governo absoluto, que é e sempre foi a realidade em todos os cantos, significa necessariamente um governo totalitário. O governo americano também é um governo absoluto. Não sou muito chegado ao governo americano, mas por outro lado, tampouco estou nas minas de urânio.

De modo geral, o fenômeno clássico do século XX que é o totalitarismo se manifesta não nos governos absolutos que são seguros e invulneráveis, mas sim nos extremamente fracos que, conseqüentemente, são forçados a tomar medidas extraordinárias para reprimir seus inimigos. Essa (entre outras coisas) é a diferença entre Luís XIV e Stalin. A grande virtude do governo americano é que seu monopólio do poder é muito mais seguro que o de Luís XIV, e portanto, ele não precisa dar a mínima para o que eu posto no meu blog besta.

Mas ao analisarmos governos reais do mundo real, nossa análise financeira precisa ser fundada na realidade política. A realidade política é que “cidadãos” não são donos de seu governo, mas sim ativos dele - ou, em outras palavras, escravos. Nossa única esperança é que venha um regime que tenha mais de Thomas Jefferson e menos de [Simon Legree](#). Felizmente, a nosso ver, essa análise alinha os interesses financeiros do Estado com nossos próprios interesses como seres humanos.

Quais são os interesses financeiros do Estado absoluto? Maximizar o valor de seus ativos produtivos. Os ativos do Estado são (a) terras e estruturas, (b) equipamentos e (c) bens humanos. Temos uma boa noção de como avaliar e administrar (a) e (b). Mas a maior parte de seu capital próprio consiste de (c) - um ativo que não é muito discutido nas escolas de negócios. (Felizmente, você ainda tem aquelas velhas pilhas amareladas de volumes da [DeBow's Review](#).)

Existe uma outra forma de perguntarmos se, avanços tecnológicos à parte (que se encaixam na categoria (c), já que a tecnologia é uma habilidade humana - mas difícil de ser monopolizada), a América é uma nação mais valiosa em 2013 do que era em 1950. Podemos perguntar: o americano comum é um ser humano melhor do que seus ancestrais de 1950? Ou seja: o governo americano soube cultivar seu capital humano, ou deixou que ele definhasse?

Por exemplo: essa pessoa - esse ativo, esse escravo - passou a trabalhar com mais afinco? Vamos supor que o Estado não tem a capacidade de alterar o QI dele, pois não vejo sinal algum de que teria - mas será que ele tem mais conhecimento? É uma pessoa mais moral, mais saudável no quesito físico, mais sábia, mais prudente? Um pai melhor, uma mãe melhor?

Novamente, sinto que a resposta é óbvia. Certamente existem alguns quesitos onde podemos dizer que o americano comum de 2013 é uma pessoa melhor do que seu avô. Ele provavelmente é um feminista melhor, por exemplo. Tem muito menos chance de ser um antissemita, homofóbico, etc. Esses fatores não têm impacto real em seu valor econômico, mas talvez sejam relevantes mesmo assim.

Por outro lado, o americano de 2013 tem *muito* mais chance de ser um drogado, um marginal ou uma puta, um *trustafarian* vagabundo inútil, etc., etc., etc. Quando focamos nas subpopulações étnicas não-privilegiadas, especialmente - “[crackers](#)” de origem escocesa-irlandesa, afro-americanos, etc. (se aceitarmos o que [Ron Unz](#) diz como verdade, até mesmo os judeus vão de mal a pior) - não vejo como qualquer pessoa séria poderia argumentar que o americano comum é melhor que seus avós como ser humano. Seria como afirmar que o iPad original era [fodaum](#), mas que esse lixo de Retina que vendem hoje em dia é uma tosqueira.

O lance mais extraordinário dessa interpretação é que, mais uma vez, os seus interesses e os de seu governo estão basicamente em perfeita sincronia. Você não quer se viciar em heroína. Washington não quer que seus escravos sejam viciados em heroína. Você quer ser uma pessoa melhor - mais bem-informada, mais confiável, mais habilidosa. Como pessoa melhor, você passa a ser também um ativo de capital melhor e mais valioso. Você aumenta a capitalização de mercado de seu governo. Voltando a Sam Altman:

A maioria de nós quer que nossas vidas melhorem ano após ano - a esteira hedônica é um suplício por natureza.

Como a palavra “hedônica” insinua, “melhorar” quer dizer “ficar mais divertida”. Naturalmente, essa é a visão que se espera de alguém que nasceu no governo Bush. Como poderia ser diferente?

Nós anciões dinossauros nascidos na era Nixon já basicamente esgotamos a esteira hedônica. Não sobra muito da esteira hedônica da pessoa depois de limpar vômito de bebê no meio da madrugada pela 17ª vez. A essa altura (sim, pais de primeira viagem - a coisa *vai* melhorar), uma boa taça de vinho e sair para jantar com sua esposa vira basicamente o equivalente hedônico de uma ménage com strippers turbinada com metanfetaminas mil.

A maioria de *nós* quer melhorar como pessoa a cada ano que passa. Temos um bom grau de certeza, talvez equivocadamente, de que isso nos renderá recompensas hedônicas maiores a longo prazo, ou ao menos que isso nos garantirá a melhor chance disso. Mas o objetivo não é esse. O objetivo, acreditem ou não, é sermos pessoas melhores. E em um mundo ideal, nossos filhos serão ainda melhores que nós. Novamente - a capitalização de mercado aumenta.

Tudo que estou dizendo aqui (até as observações econômicas) foi dito por [Carlyle](#) mais de 150 anos atrás, principalmente em seu [Cartismo](#). A apoteose do princípio hedônico é a imortal [Filosofia Suína](#). Resumindo, como Carlyle nos explica, a diferença que separa o homem do animal é que a maximização da utilidade hedônica é sempre, em todos os casos, a abordagem de um animal. Não por coincidência, é também a abordagem de criancinhas. E é também a abordagem do economista da escola austríaca, embora ele ao menos perceba que o “fator de utilidade” é qualitativo e subjetivo, não quantitativo e objetivo, e soma [preferência temporal](#) à equação.

Para Mises e Rothbard, o ser humano como agente econômico é um porco muito astuto, frequentemente disposto a trocar menos lavagem hoje por mais lavagem amanhã. A visão de Carlyle - bem como a de List - passa muito longe dessa. Naturalmente, do ponto de vista econômico do Estado, a produção de lavagem é tudo que importa. Mas o ser humano não é só um agente econômico - e o Estado tampouco é uma mera

agência de produção. O que nós adoraríamos ver é um modelo onde não há qualquer tensão entre a Filosofia Suína (que devemos aceitar como verdadeira) e a civilização humana propriamente dita.

Agora estamos posicionados para desafiar o mistério do “crescimento”. Se o hedonismo econômico é mesmo essa filosofia absurdamente rasa e facilmente desmascarada, por que será que tanta gente considera o “crescimento” uma questão de gravidade suprema?

Apesar de todos os subterfúgios e evasões para nos convencer do contrário, o problema econômico básico que afligiu os governos do século XX (um tanto menos no século XIX; muito mais no século XXI) foi o desemprego. A causa do desemprego é simples: em uma economia industrial, a maioria dos seres humanos não tem utilidade econômica. Não são ativos produtivos em qualquer sentido. São estorvos. Por um breve período de transição, ainda podem ser aproveitados como robôs industriais. Esse período está quase acabando.

Imagine, por exemplo, que o poder pleno sobre a economia americana foi colocado nas mãos de um Sam Altman da vida, que reestrutura ela ao formato de Uma Empresa Colossal. A missão dele: cortar gastos sem que haja queda no nível de produção. Seus métodos: eliminar trabalho ocioso administrativo (corretores de imóveis, advogados, secretários de despesas de seguros de saúde, etc.); trocar robôs industriais humanos por legítimos robôs industriais; e se nada bastar, trocar funcionários americanos de alto custo por indianos de baixo custo abrigados em alojamentos conjuntos e alimentados exclusivamente com lentilhas, no melhor estilo de Dubai.

Alguém duvida que a implementação implacável e autocrática desses métodos seria capaz de reduzir o desemprego nos EUA por 5 a 10 por cento por ano por uma década, no mínimo? De fato, com a [Singularidade](#) cada vez mais próxima, o futuro do trabalho vai ficando nítido - existe um limite mínimo de QI, e qualquer humano abaixo dele, por mais barata que seja sua alimentação, é um estorvo. A mão-de-obra não-qualificada clássica continuará produtiva em certas áreas - jardinagem, faxina e assim por diante. Esse talvez seja o caso por mais uma década ou duas. Não será nossa realidade indefinidamente. Com novas máquinas cada vez mais inteligentes - supondo que serão, de fato, mais inteligentes - esse limite mínimo ficará ainda mais exigente. Eventualmente, os únicos seres humanos dignos de empregos serão Sam Altman e seus amigos. E então,

afinal, até eles serão colocados no olho da rua. Desemprego universal é a própria definição da Singularidade.

Agora, é importante observar que do ponto de vista estritamente *econômico*, isso não é problema algum. O Estado absoluto no papel de Filósofo Suíno tem uma resposta muito simples para isso. Nas palavras de Stalin - sem pessoa, sem problema. Esses robôs humanos excedentes podem ser simplesmente sacrificados, como ratos de laboratório já exauridos. Nessa conjuntura, eles deixam de ser estorvos e viram ativos novamente, já que podem ser vendidos para reaproveitamento de órgãos, ou para o uso dos órgãos como alimento, ao menos. Sem dúvida, quando o próprio Estado virar um computador, essa lógica terá um apelo irresistível. Vamos chamar essa abordagem para a questão de estorvos humanos “Solução A”.

Do ponto de vista *político*, a Solução A está completamente fora de cogitação. Espero que continue fora de cogitação para sempre. Quem é absolutamente comprometido com a Filosofia Suína pode explicar que o sacrifício de estorvos humanos (ainda mais ao alcance do ouvido) na verdade prejudica o valor dos porcos não-sacrificados, já que eles ficam apavorados e abatidos. Mas será que isso é mesmo verdade? Não poderia servir, na verdade, como uma motivação? Enfim, dane-se. Minha filosofia cobre bem mais do que porcos, e a sua também, e por mais que eu esteja disposto a aceitar um Rei, um Computador-Rei passa do meu limite - ainda mais um Computador-Rei programado inteiramente com Filosofia Suína. Já que sou até mais tolerante que a maioria nesse quesito, creio que a Solução A simplesmente não é viável.

Voltamos nossa atenção à Solução B, que creio ser a solução na qual a maioria das pessoas acredita. Trabalho? Quem caralhos quer trabalhar? O trabalho é anti-hedônico por definição. Se não tivesse um fator de utilidade negativo, não seria trabalho. Deixe-me ver aqui. A tese de que no futuro todo trabalho será obsoleto e seremos capazes de produzir mercadorias e proporcionar serviços sem qualquer trabalho humano é para ser vista como um problema? Não me parece um problema. Me parece uma vitória.

O problema da Solução B é que ela já foi tentada muitas e muitas vezes. Nos deparamos com a Solução B toda vez que passamos no mercado. Ao lado do botão “Crédito/Débito” tem um outro marcado “EBT”. Já chegou

a apertar esse botão? Mesmo sem querer? Esse é o botão da Solução B. Existem cidades inteiras na América que transcenderam a desutilidade trabalhista anti-hedônica e chegaram ao futuro reluzente da Solução B. Uma delas se chama “Detroit”.

A Solução B, no final das contas, não é o ápice da civilização humana, mas sim sua destruição. Ela é destrutiva até mesmo em termos da mera Filosofia Suína, pois ela destrói um ativo humano. Ao avaliarmos humanos como robôs, vemos que trata-se de um tipo muito especial de robô: caso não trabalhe continuamente, ele enferruja. Como animais, somos animais que evoluíram em função do trabalho. A dominação mundial conquistada por nossa espécie foi resultado de nossa capacidade de trabalho. Alimentar ou entreter um ser humano sem exigir em retorno algum tipo de esforço produtivo, ou ao menos um teatrinho de tal, é, no final das contas, é só uma forma de destruí-lo - o que não é tão diferente da Solução A.

Certos seres humanos, e presumo que Sam Altman se encaixa, são aristocratas natos. Podem obter os recursos necessários para não precisar trabalhar mais um dia sequer na vida, mas *seguem trabalhando mesmo assim*. Por mais encantador que isso seja, precisamos aceitar a realidade de que a espécie humana é o que é. A população não consiste em grande parte de aristocratas natas. Não são nem uma parte expressiva dela. Não em Detroit, por exemplo. “Cadáveres sem vida, o corpo putrefato de um companheiro, morto pelas mãos do destino ou de homens injustos, não é uma cena agradável de se contemplar; mas o que diria à alma falecida de um homem - em um corpo que ainda finge ter grande vigor, e que *consegue beber rum?*” (4) Carlyle sacava tudo sobre *Hardcore Pawn*.

Além das opções A e B horripilantes, todas as possíveis soluções para o problema envolvem um Estado que obriga, por meios econômicos ou outras alternativas (os detalhes não fazem diferença), que humanos que não tenham rendimento econômico se submetam a trabalho ou alguma simulação de tal. Por exemplo, ainda mais com o surgimento do [Oculus Rift](#), a tecnologia começa a apresentar uma Solução C, que combina o aprisionamento físico com o enriquecimento virtual. Não está inteiramente claro que forma esse ambiente virtual em escala real tomaria, mas ele certamente envolveria trabalho ou coisa parecida. Não considero a Solução tão horripilante, mas posso muito bem ser o único. É nitidamente menos horripilante que as soluções A ou B. Imagino que se

fosse bem-realizada, os clientes achariam o resultado infinitamente mais agradável que suas circunstâncias repugnantes do momento. Mas também imagino que isso nunca acontecerá.

Indo além de A, B e C, chegamos ao universo de soluções que envolvem a distorção de mercados de trabalho para fins da integração desses estorvos humanos em algo que ao menos pareça uma instituição produtiva comum. A Solução D é a abordagem mais óbvia, e é implementada por regimes pelo mundo todo desde a época em que [Quéops](#) era criancinha: manter os camponeses saudáveis, felizes e em forma, pagando para que eles façam trabalho que seria totalmente desnecessário. Como, ora, [construir pirâmides](#).

Existe uma história apócrifa que ilustra a Solução D perfeitamente. Provavelmente não aconteceu. Um economista americano famoso - [Milton Friedman](#), talvez - visita a China, nos anos 80, talvez, e se depara com uma obra onde os trabalhadores estão escavando um canal com pás e picaretas. O economista dá uma sugestão: “Por que não usam escavadeiras?”

“Mas professor Friedman,” seu anfitrião observa, “a ideia do projeto é gerar empregos.”

“Ah!” diz nosso professor apócrifo. “Ora, nesse caso, por que estão usando picaretas? Por que não escavam com colheres?”

A ideia é ilustrar a suposta idiotice da Solução D, mas na verdade, acaba ilustrando o *design space*. O propósito da Solução D é reduzir as perdas ao mínimo possível, preservando a qualidade humana de seus ativos e impedindo que eles degenerem e virem clientes da *Hardcore Pawn*, zumbis da Rua 10 ou qualquer outra espécie de paródia revoltante da condição humana.

Escavar canais com equipamentos manuais adequados é uma forma de trabalho manual simples e quase enobrecedor, em sua escala ínfima, que é perfeitamente adequado para a condição da maioria dos seres humanos, com a possível exceção de aristocratas sensíveis. (Engendrar trabalho ocioso para [aristocratas sensíveis](#) é certamente possível, mas requer mais imaginação.) Escavar canais com colheres, por outro lado, é

uma punição degradante apropriada somente para pedófilos refratários. Já que nunca há falta de canais que seria melhor ter do que não ter, não há necessidade de distribuímos colheres - a não ser que o propósito do projeto seja a degradação exemplar.

Qual é o problema, então? O que impede que o governo americano encaminhe seus milhões de *gangstas*, centenas de milhares de zumbis e incontáveis hordas de jovens comuns que simplesmente não conseguem uma porra de um emprego a centros de desenvolvimento-pessoal-através-do-trabalho, onde eles criarão novos parques nacionais reluzentes que ninguém visitará na Encosta Norte do Alasca? Isso pode até soar antiprogressista, mas como poderia ser? - [FDR fez igual](#).

De modo geral, programas de trabalho ocioso são limitados a governos fortes. Nosso governo é grande, mas não é forte em sentido algum. O governo de FDR era forte. Quando um governo forte quer “criar empregos”, ele simplesmente contrata as pessoas. Caso o produto seja inútil e o trabalho seja puramente ocioso, o governo deixa isso bem claro. Os fortes têm confiança e sentem-se livres para dizer a verdade. Um governo fraco esconde a verdade sob um manto de mentiras - ele precisa fingir, de forma convincente, que nossa grande nação estará perdida caso não realize um projeto de melhorias expressivas e imediatas para o [“Parque Nacional Gates of the Arctic”](#).

Estranhamente, o trabalho ocioso, que é uma solução superior de acordo com qualquer critério, é um alvo político mais vulnerável do que a boa e velha assistência social da Solução B. O trabalho ocioso precisa ser defendido com mentiras, enquanto a assistência social é indefensável. Os defensores da assistência social são, portanto, forçados a invadir a fortaleza descarada da propriedade - eles e seus clientes precisam demonstrar que *têm direito* a tais emolumentos, o que é, naturalmente, justamente o que eles não têm. Porém, tendo comprovado o [usucapião](#), eles se empenham e conseguem reter a posse.

No que diz respeito à política, a forma ideal de se implementar a Solução D é separando o trabalho real o máximo possível da fonte de financiamento. Voltamos então ao PIBL e ao “crescimento”. (Não me diga

que você achou que estávamos *divagando*. Achou?)

No que diz respeito à política, a melhor forma de se financiar e gerenciar trabalho ocioso é fazer com que ele seja indistinguível do resto da economia. Se você decidir cobrar \$1T em impostos por ano de seus cidadãos produtivos para contratar outros dez milhões de americanos para construírem, com ferramentas manuais, uma réplica em escala real de Roma ao pé do [Monte Igikpak](#), isso colocará um alvo político gigantesco nas suas costas, e tudo pelo bem de camponeses imbecis e rebeldes que insistem em não entender a genialidade do [Lorde Keynes](#). Se, ao invés disso, você conseguir aumentar os gastos agregados dos consumidores em \$1T, isso criará empregos comuns para americanos comuns por toda a América - pois afinal, onde vai parar esse \$1T?

Parte desse montante vira lucro, naturalmente - mas a maior parte é usada para cobrir custos de produção. Em outras palavras, despesas trabalhistas. Em outras palavras, geração de empregos. O amor é distribuído pelo país todo como uma deliciosa camada amanteigada de prosperidade. Ninguém vota contra a prosperidade. Jamais.

Agora, é claro que isso ainda incomoda quem paga esses impostos. Aliás, também não é possível injetar esses impostos coletados diretamente nos gastos dos consumidores. Antes ele precisa passar pelo filtro dos gastos públicos. Isso gera dois alvos: a taxaçaõ e os gastos. Isso pode até ser administrado. Mas também pode ser melhorado.

E se tirarmos empréstimos ao invés de cobrar impostos? É uma ideia melhor, porque aí ninguém sente a facada. Porém, empréstimos públicos - que, como temos visto, são idênticos em todos os sentidos à mera “impressão de dinheiro” (ou seja, emissão de ações), já que a moeda fiduciária é o capital próprio do governo, e em termos de contabilidade, não há qualquer diferença real entre o Fed e o Tesouro Nacional, ou entre as notas emitidas pelo Fed e as obrigações do Tesouro - também têm suas desvantagens. A desvantagem é que eles são registrados e obrigatoriamente noticiados nos jornais - alarmando os camponeses imbecis que insistem em não entender a genialidade do Lorde Keynes, que escolhem acreditar que Washington precisa pagar suas dívidas, como

se fosse um camponês imbecil.

Além disso, até mesmo o burocrata mais diligente, que é mais keynesiano que o próprio Keynes, sente uma leve apreensão a respeito do uso indiscriminado desse privilégio, porque em algum cantinho nas profundezas de seu [cérebro de réptil](#), ele tem noção do que está fazendo: está impondo um imposto clandestino sobre o capital dos ricos por meio da diluição dos dólares em circulação. E se os proprietários de dólares sonegassem esse imposto - que é, afinal, um imposto - por meio da conversão a algum outro bem monetário? Ouro? Bitcoin? [Cartões colecionáveis de Honus Wagner](#)? De qualquer forma, se os dólares tiverem de passar por Washington, a questão dos gastos continuará sendo um alvo.

Logo, a melhor forma de se inflar o PIBL, sem sombra de dúvida, é *aumentando a capitalização do setor privado*, gerando um [efeito-riqueza](#). Ademais, isso pode ser realizado de duas formas, já que existem duas formas de ativos de capital: a dívida e o capital. A dívida é perigosa porque precisa ser paga. Voltaremos a essa questão logo mais. Temos, portanto, a segunda melhor estratégia para inflar o PIBL, que é convencendo o setor privado a tirar mais empréstimos; e a melhor estratégia, que é fazendo o mercado de ações e o valor do mercado imobiliário subirem.

Essa última opção é a Solução D-1, a melhor das melhores opções (do ponto de vista político) para a criação de empregos, e a pilastra principal da era Greenspan-Bernanke da prosperidade americana. Resumindo, nossa realidade concreta. A opção anterior é a Solução D-2, implementada na grande nação da [China](#). (E, maravilhosamente, na [Angola](#).)

Há alguma desvantagem? Mas é claro. A capitalização (seja a dívida ou capital) deve refletir o capital real. Quando se aumenta a capitalização (seja a dívida ou capital) sem uma criação correspondente de ativos produtivos, você bota encrenca para ferver. Capitalização de mercado em excesso é como lixo radioativo. Quando ele vaza, como em [2008](#) - temos um problema. Felizmente, sempre temos a capacidade de resolver esse

problema com a Solução D-3: imprimir dinheiro para comprar lixo radioativo.

Repare que tudo isto é pura questão de alquimia financeira. Não tem absolutamente nada a ver com a resolução do seu iPad, nem quaisquer outros ingredientes tecnológicos que contribuam ao cálculo do deflator hedônico do PIBF. Está tudo ligado ao PIBL. É verdade, de fato, que a inflação do PIBL é refletida no PIBF, mas o número que importa é o PIBL - a quantidade de dinheiro, não a qualidade dos produtos. Caso tente resolver o problema da inflação inadequada do PIBL através do aumento do deflator implícito - ou seja, com tecnologia mais avançada - você estará praticando uma economia [de culto à carga](#). Estará tentando causar uma causa com um efeito.

Será que há algum problema, qualquer que seja, nessa máquina insana? Claro que sim. Ela é insana, afinal. Sua insanidade é totalmente desproporcional em comparação a seu propósito real, que é empregar humanos que seriam, sem ela, desocupados e inúteis. Como veremos, um regime são é capaz de realizar o mesmo objetivo de uma forma muito mais sensata.

Um sistema financeiro é um sistema central de planejamento. Na medida em que um mecanismo de planejamento, seja ele automático ou burocrático, é são, ele orienta agentes econômicos a tomarem decisões sãs e racionais, como investir em ativos produtivos. Na medida em que ele orienta agentes econômicos a tomarem atitudes insanas, como [construir cidades vazias no meio da Mongólia](#), sua natureza automática e supostamente regida pelo mercado livre não difere em nada da insanidade burocrática de um [Gosplan](#), ou da insanidade autocrática de um [Houphouët-Boigny](#). Naturalmente, ele ainda cumpre sua missão real de criar empregos, lógico. Mas não sem uma dose considerável e desnecessária de bizarrices financeiras, cujo único propósito é fingir que a máquina não é o estratagema de trabalho ocioso que parece ser.

Na América, a consequência da criação de empregos por meio da inflação do PIBL é a famigerada [economia FIRE](#), um sistema de planejamento central onde a única fonte de renda é a inflação dos preços dos ativos, e

os empregos gerados envolvem imigrantes mexicanos instalando bancadas de granito e mulheres brancas simpáticas vendendo imóveis umas às outras. Essa é essencialmente a economia de Ohio, por exemplo, que já foi um dos grandes polos industriais mundiais. Dentre as formas como seres humanos podem ocupar suas vidas, essa me parece tosca e deprimente, para ser sincero. Chega a ser tão melhor que escavar canais usando colheres?

Além do mais, lixo radioativo é uma coisa perigosa. Cruzamos um limiar crítico em eventos como o de 2008, que pode muito bem ser descrito como a transição do capitalismo movido a dívidas ao comunismo movido a dívidas. No capitalismo movido a dívidas, é possível sustentar a ilusão de que tanto o mutuário quanto o prestador são agentes do setor privado. No comunismo movido a dívidas, o estado a que chegamos agora, tirar empréstimos continua sendo uma medida privada, mas o Fed é, agora e eternamente, o prestador de primeira instância.

A realidade é que, em termos de negócios, o problema que aflige a economia americana é muito simples. Ele dá prejuízo. Para manter tudo operando nos conformes, ele precisa tirar cerca de \$1,2T em empréstimos por ano. Em outras palavras, temos aqui um jeito simples de chegar à marca de 2% de crescimento no PIBL por ano - aumentando a bomba-dívida em 2% por ano. Também poderíamos inflacionar os mercados de ações e imóveis, o que seria preferível, claro, pois capital não gera obrigações. É uma forma de enriquecer os ricos às custas dos pobres, mas ora - isso lá é novidade?

Uma economia que dá prejuízo, bem como um restaurante que dá prejuízo, é uma lástima. É uma lástima em inúmeros sentidos que nem têm nexos evidentes ao lado financeiro. A experiência gastronômica inteira é desagradável. Essa, de fato, é a experiência de toda a “economia antiga” fora de pequenas bolhas no Vale do Silício e em Wall Street. Os pais da minha esposa moram em Columbus. Columbus é um porre. Mesmo com os \$85 bilhões por mês da “recuperação” por compra de títulos do [Presidente Ben](#). Está virando, de forma cada vez mais nítida, um restaurante soviético.

A fantasia da economia que dá prejuízo, assim como a do restaurante que dá prejuízo, é que se dinheiro suficiente for injetado nela, logo “a ignição será ativada” e o motor reiniciará por conta própria. Com base nessa teoria, a América vem expandindo sua bomba-dívida desde os anos 30. Parceiro, não está rolando. Aposto quanto dinheiro você quiser que sou capaz de prever o que aconteceria se o Presidente Bem desligasse o [QE](#). Se você curte apostas por dinheiro, aposte em uma taxa zero *ad infinitum*. Um “capitalismo” com taxas de juro zeradas é uma palhaçada e uma monstruosidade - mas não existe alternativa nesse sistema.

Pior, teremos uma reprise de 2008 quando a dívida do setor privado crescer a tal ponto que até tirar um empréstimo com um prestador infinito deixa de ser uma operação do mercado. A Goldman Sachs pode tirar empréstimos com taxas de 0%, mas você não. A dívida precisa de manutenção. A saturação da dívida existe. Quando acontece, começa a [deflação da dívida](#) - e quando se chega a uma fase de deflação da dívida, até mesmo *tirar empréstimos com taxas de 0%* deixa de ser uma operação do mercado. Quando o processo de deflação da dívida é iniciado, não há alternativa. A única opção é a redeflação através de gastos diretos do governo, no mais clássico modo “[Bernankecóptero](#)”. Por mais que o sistema político seja sempre capaz, em tese, de despejar [remessas por helicóptero](#), isso pode não ser viável na prática. E mesmo que consiga estimular inflação direta, terá entrado em um modo puramente soviético, onde todos os investimentos são controlados pelo Estado.

E tudo isso só para garantir empregos para americanos de QI de 95, no limite da empregabilidade. E mesmo assim, muitos deles não conseguem tais empregos. Avaliando esta máquina insana de inflação financeira puramente como um mecanismo de geração de empregos, que é exatamente o que ela é, a nota que ela merece é, no máximo dos máximos, um 6. Se bem que ela nos colocou em uma sinuca de bico com a dívida que é tão feia que se fosse desligada, nós iríamos direto do 6 ao 0. Estávamos justamente na beira desse precipício em 2008, mas aí [Bernanke acionou seu helicóptero](#). [É uma armadilha!](#) E a isca nem era das mais apetitosas.

Mas e então? Existem outras soluções? Existe uma Solução E? F? Ora,

claro. Só que não são politicamente cabíveis. Nada além da estratégia que temos implementado é politicamente cabível. Não sem uma mudança de regime, ao menos. Como [disse](#) Hunter S. Thompson, isso me incomoda na mesma medida em que uma doença venérea incomoda um Hells Angel. Até menos, quem sabe.

A “E” é um fator que deixamos fora da equação: o comércio internacional. Por acaso, os EUA e sua [taxa desastrosa de 37% de não-participação da força de trabalho](#) (ou seja, a medida real do “desemprego” que costuma ser avaliada em termos do índice vazio de coleta de seguro-desemprego), além de tirar \$1,2T em empréstimos por ano, acumulam um déficit comercial de \$600B por ano - ou seja, 3% do PIB dos EUA. E o que isso significa?

Significa que se o governo americano *eliminasse o comércio internacional por completo*, [fechando seus portos](#) como [o Japão de Tokugawa](#), os negócios nos EUA veriam um aumento imediato de 3% em seu faturamento bruto, e por consequência, na quantidade de empregos também. Naturalmente, isso envolveria um *boom* na substituição de importações e um colapso nas indústrias de exportação, mas o efeito líquido seria um *boom*. \$500 bilhões não é pouca coisa. O efeito hedônico seria negativo, claro - mas como temos visto, hedonismo insuficiente não é problema nosso em sentido algum.

Podemos fazer ainda melhor. Poderíamos eliminar as importações sem perder as exportações. Obviamente, com isso comprovaríamos a realidade mercantilista do comércio mundial - uma realidade que nossos “parceiros” de negócios na Ásia já entendem. Dói tanto dizer “Friedrich List tinha razão”? Digamos que com a retaliação, nossas exportações seriam cortadas não a zero, mas só pela metade. Nesse caso, seria \$0 em importações e \$650 bilhões em exportações, rendendo um ganho líquido de \$1,2T na receita dos negócios americanos - isso sem contar o efeito multiplicador de dinheiro gasto repetidas vezes.

Novamente, haveria uma certa dor hedônica. Veríamos também um salto de cerca de 10% no PIBL de uma hora para outra, já que todas as bugigangas que compramos da China passariam a ser feitas na América. O

que acarretaria um *boom* econômico titânico, talvez sem igual em toda nossa história, com exceção do período na instauração do Terceiro Reich, quando Hitler adotou basicamente as mesmas políticas autárquicas. Menos diversão - mais prosperidade.

Pode me chamar de maluco, mas eu não acho que o mercantilismo - que, antes de Adam Smith, era essencialmente o senso comum da política econômica - é inseparável de uma nova perseguição contra os judeus. Aliás, qualquer mercantilista pré-progressista consideraria a combinação de livre comércio, déficits comerciais descomunais e desemprego descomunal uma insanidade econômica tão absurda quanto a perseguição aos judeus.

(Tenho certeza de que o professor Krugman, que pode ser acusado de muitas coisas, mas não de uma falta de noção do poder da demanda agregada, entende isso perfeitamente. O que faz dele mais um *concern troll* - ou seja, alguém focado não em resolver o problema, mas sim em como tirar proveito dele.)

Como List disse, o livre-comércio é a arma dos fortes. A Inglaterra e depois a América adotaram o livre-comércio quando estavam fortes. Muito bem, mas caia na real: deixamos de ser fortes. Mesmo assim, continuamos batendo na nossa própria cabeça com essa arma. Por quê? É simples: pura imbecilidade.

E sim, existe também uma Solução F. A solução F é uma realidade que seremos forçados a aceitar eventualmente: restrições tecnológicas. Aliás, a Solução E é um exemplo específico da Solução F, já que a forma mais apta de se descrever importações do exterior é como uma tecnologia de produção. Do ponto de vista da economia americana, não há diferença alguma entre a produção de trabalhadores chineses e produção realizada por robôs - os dois casos significam produção que não emprega trabalhadores americanos.

É difícil imaginar um cenário onde uma restrição a tecnologias funcionaria, pois seria preciso superar a ideia de uma ferramenta absurdamente poderosa como essa sendo utilizada pelos nossos

governantes completamente incompetentes e corruptos. Nos deparamos com o mesmo problema ao contemplar um protecionismo eficaz. Os resultados mais óbvios da implementação de ambas ferramentas constituiria a contratação de aspones, ou até roubalheira explícita. Consequentemente, o protecionismo ficou com uma má reputação e a restrição a tecnologias está muito longe do cenário político atual. Porém, na realidade verdadeira, o problema é quem usa a ferramenta, não a ferramenta em si. Ao admitir que o governo americano não funciona e precisa ser eliminado, podemos considerar substituí-lo com algo que não é um lixo - e podemos manusear essa ferramenta. (5)

O que proponho não é uma restrição absoluta a tecnologias, uma estase medieval generalizada, iPads de baixa resolução, a proibição do Google Glass, nem nada parecida. Minha visão da Solução F envolve controles tecnológicos específicos com o intuito de criar uma demanda de mercado pelo tipo de mão-de-obra não-especializada que a indústria moderna tornou obsoleta, mas que, por motivos políticos, não estamos dispostos a matar para vender seus órgãos. Por faltar essa disposição, nossa única opção é oferecer a esses indivíduos uma forma de sobreviverem como seres humanos - com a vida mais humana possível, de preferência.

Por exemplo, duas formas de trabalho quase-especializado reconhecidos como dignos para a alma humana são (a) o artesanato e (b) a agricultura. Em comparação à demanda por essas profissões em outros tempos, ambas foram essencialmente erradicadas. Quantos drogados, pivetes, etc. existem na América cujos trisavós eram artesãos, fazendeiros, ou ambos?

Pare para considerar uma restrição tecnológica específica: nada de brinquedos de plástico. Se meus filhos tiverem brinquedos, serão feitos de madeira, com ferramentas manuais, por americanos, na América.

Os resultados disso: (a) impacto financeiro negativo nos pais que precisam comprar brinquedos para seus filhos, e que talvez sejam forçados a aumentar seu orçamento para brinquedos; (b) impacto hedônico negativo para filhos, cujos baús de brinquedos não estão mais atolados de porcarias chinesas em cores vibrantes; (c) impacto econômico negativo para a China, que não é nosso país, então foda-se; (d) boom econômico

gigantesco para a indústria americana de brinquedos de madeira, proporcionando um emprego para qualquer imbecil que saiba talhar madeira.

Como que qualquer pessoa considerando esses possíveis resultados pode deixar de concordar que (d) é imensamente superior à soma de (a), (b) e (c)? Ou considere, por outro lado, a mão-de-obra agrícola, para qual podemos criar um nível arbitrário de demanda ao banir técnicas agrícolas de nível industrial. Qualquer pivete americano da atualidade encontraria uma vaga como artesão de *slow food* orgânico. Porra - até um zumbi da Rua 10 consegue ordenhar vacas. Teriam de ser pagos pelo serviço, lógico, mas já pagamos eles para não trabalhar. Isso seria melhor para nós? Para eles? Que porra é essa, América?

Esta proposta foge da realidade, por acaso? Claro que sim? Foge da realidade por natureza? Para ser mais exato, ela é completamente inconsistente com a realidade de consenso, a ponto de parecer completamente bizarra. Duvido que um Sam Altman da vida seria sequer capaz de avaliá-la. Pessoas normais e sensatas, especialmente as ricas, são bem-integradas no nível social e vivem na realidade de consenso, também conhecida como a caverna de pura imbecilidade de Platão.

Mesmo assim, afirmo que na realidade *verdadeira* - minhas Soluções E e F são gols de placa incontestáveis. (Ainda precisaríamos neutralizar a bomba-dívida da Solução D de forma segura, mas isso fica para [outro post](#).) Será que algum dia conseguiremos superar essa divisão? Será que conseguiremos fugir do século XX? É quase garantido que não. Mas por algum motivo louco, eu ainda sinto a necessidade de salientar que temos essa capacidade. Talvez seja só maluquice minha.

1. [Ludwig von Mises](#) era judeu, e portanto, não era [teutônico](#) no sentido típico da palavra, mas falava alemão e operava dentro da estrutura da [Escola Austríaca](#) de economia fundada por [Carl Menger](#).

2. A Silk Road foi [interditada](#) pouco depois da publicação deste texto, mas o princípio continua válido.

3. No texto a seguir, o leitor deve lembrar do [alerta](#) do próprio Moldbug de não interpretar tudo que ele diz literalmente: “Defoe era um sujeito safado, bem como eu. Ele também, espera que você acrescente sua pitada de sal.”

4. Thomas Carlyle, [Narrativa Típica Sobre a Questão dos Negos](#), pg. 7. Ênfase adicional.

5. Como Moldbug observa em “[Carlyle no Século XX](#)”:

Considere o estado fascista ou socialista novamente, pelos olhos do libertário ortodoxo ou liberal clássico. Vemos um gorila de 350 quilos doido no LSD, surtando no controle de uma betoneira em movimento. Seu libertário diria: “Parem essa betoneira!” Seu Carlyliano diria: “Parem esse gorila!”

Uma betoneira bem-feita, bem-cuidada e bem operada é uma força positiva no mundo. Mas só quando ela é controlada por um *homem*, não por um gorila. Se você visse uma betoneira sendo controlada por um *operador de betoneira qualificado*, caro libertário, você exclamaria mesmo “parem essa betoneira”? Duvido muito. Você ficaria maravilhado se soubesse todo o bem que um operador de betoneira qualificado é capaz de realizar com uma betoneira.